

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA SUMAIA SALLES COZAC
SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
PROFESSORA: FABÍOLA RIBEIRO DOS SANTOS

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Dezembro/2020

INTRODUÇÃO

Aprender a falar é uma das realizações mais importantes e mais visíveis da primeira infância. Em questão de meses, e sem ensino explícito, as crianças passam de palavras hesitantes para frases fluentes, e de um vocabulário reduzido para um vocabulário que aumenta em seis novas palavras por dia. As novas ferramentas da linguagem significam novas oportunidades para a compreensão social, para aprender a respeito do mundo, e para compartilhar experiências, prazeres e necessidades.

O desenvolvimento da linguagem é ainda mais impressionante quando consideramos a natureza do que é aprendido. Pode parecer que as crianças precisem apenas lembrar-se do que ouviram e repeti-lo em algum momento posterior. Mas, como mostrou Chomsky há tempos atrás, se essa fosse a essência da aprendizagem da linguagem não seríamos comunicadores bem-sucedidos. A comunicação verbal requer produtividade, isto é, a capacidade de criar um número infinito de enunciados que nunca ouvimos antes. Essa inesgotável capacidade de inovar exige que alguns aspectos do conhecimento linguístico sejam abstratos. Em última instância, as “regras” de combinação de palavras não podem ser regras para determinadas palavras, e sim regras para *classes* de palavras, tais como substantivos, verbos ou preposições. Desde que disponha desses esquemas abstratos, o falante pode preencher os “espaços” de uma frase com as palavras que melhor traduzam a mensagem do momento.

A natureza da atividade mental que subjaz à aprendizagem da linguagem é amplamente debatida entre os especialistas da área. Um grupo de teóricos argumenta que a estimulação ambiental da linguagem apenas desencadeia o conhecimento gramatical que já está disponível geneticamente.

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Em linhas gerais, os “fatos” observáveis sobre o desenvolvimento da linguagem não são controvertidos. A maioria das crianças começa a falar no decorrer do segundo ano de vida; por volta dos dois anos de idade conhece, pelo menos, 50 palavras e as combina em frases curtas. Quando o tamanho do vocabulário atinge cerca de 200 palavras, a taxa de aprendizagem de palavras aumenta dramaticamente, e começam a aparecer, com alguma consistência, palavras com funções gramaticais, como artigos e preposições. Durante os anos pré-escolares, o padrão das sentenças torna-se cada vez mais complexo e o vocabulário diversifica-se, passando a incluir termos relacionais que expressam noções de tamanho, localização, quantidade e tempo. Por volta dos quatro aos seis anos de idade, a maioria das crianças já adquiriu a gramática básica da sentença.

A partir daí a criança aprende a utilizar a linguagem de forma mais eficiente e eficaz. Aprende, também, a criar e a conservar unidades maiores de linguagem, tais como conversas ou narrativas. Embora haja diferenças individuais na taxa de desenvolvimento, a sequência em que as várias formas aparecem é altamente previsível, tanto dentro de cada estágio quanto entre eles.

Também há considerável consenso sobre o fato de que o curso do desenvolvimento da linguagem reflete a interação de fatores de, pelo menos, cinco domínios: social, perceptivo, de processamento cognitivo, conceitual e linguístico.

Social

1. Crianças pequenas inferem a intenção comunicativa de quem fala e utilizam essa informação para orientar sua aprendizagem de linguagem. Por exemplo, já aos 24 meses de idade são capazes de inferir, apenas a partir do tom excitado da voz de um adulto e do contexto físico, que uma palavra nova deve referir-se a um objeto que foi colocado sobre a mesa enquanto o adulto estava ausente.

2. O ambiente verbal influencia a aprendizagem da linguagem. Entre um e três anos de idade, filhos de famílias de “profissionais” altamente verbais escutam quase três vezes mais palavras por semana que os filhos de famílias menos verbais “dependentes de assistência social”. Dados longitudinais mostram que aspectos dessa linguagem *parental* no início da vida predizem escores em linguagem aos nove anos de idade.

Perceptivo

1. A percepção do bebê marca a etapa. As habilidades perceptivas auditivas aos seis ou 12 meses de idade podem predizer o tamanho do vocabulário e a complexidade sintática aos 23 meses de idade.

2. A perceptibilidade faz diferença. Em Inglês, as formas que são mais desafiadoras para aprendizes com algum déficit são aquelas com pouca saliência acústica– isto é, que não são tônicas ou que ocorrem dentro de um grupo de consoantes.

Processos Cognitivos

1. A frequência afeta a taxa de aprendizagem. Crianças que, apesar de incomum, ouvem uma alta proporção de exemplos de uma determinada forma linguística aprendem essa forma mais rapidamente que crianças que recebem estimulação normal desses mesmos exemplos

2. Podem ocorrer “negociações” entre os diversos domínios da linguagem quando a sentença completa em questão exige mais recursos mentais do que os que a criança tem disponíveis. Por exemplo, as crianças cometem mais erros em pequenas formas gramaticais, tais como terminações de verbos e preposições, em sentenças com sintaxe complexa do que naquelas cujas estruturas sintáticas são simples.

Conceitual

1. Termos relacionais estão associados à idade mental. Palavras que expressam noções de tempo, causalidade, localização, tamanho e ordem estão muito mais correlacionadas à idade mental do que palavras que se referem simplesmente a objetos e eventos.¹⁶ Além disso, crianças que aprendem diversos idiomas falam sobre localizações espaciais como *em* ou *perto de* na mesma ordem, independentemente dos recursos gramaticais de cada idioma que dominam.
2. As habilidades de linguagem são afetadas pelo conhecimento sobre o mundo. Crianças que têm dificuldades de lembrar determinada palavra também sabem menos sobre os objetos aos quais essa palavra se refere.¹⁸

Linguística

1. Terminações verbais dão pistas sobre o significado do verbo. [Em inglês], se um verbo termina em “*ing*”,^a crianças de três anos de idade entendem que a palavra se refere a uma atividade, como “*swim*”, e não a *uma mudança completa de estado*, como “*push off*”.
2. O vocabulário atual influencia novas aprendizagens. Crianças pequenas em geral decidem que uma nova palavra se refere a objetos para os quais elas ainda não têm uma designação.

O curso da aquisição da linguagem não é movido apenas de dentro para fora. A estrutura do idioma a ser aprendido e a frequência com que várias formas são ouvidas também terão efeitos. Apesar dos debates teóricos, parece claro que as habilidades de linguagem refletem conhecimentos e capacidades em praticamente todas as áreas, e não devem ser vistas de forma isolada. Na verdade, estudos epidemiológicos importantes demonstraram que crianças diagnosticadas com distúrbios específicos de linguagem aos quatro anos de idade – isto é, atrasos na aquisição da linguagem *na ausência de* comprometimentos sensório motores, distúrbios afetivos ou retardos – correm alto risco de fracasso acadêmico e de problemas de saúde mental que podem chegar até o início da vida adulta. Felizmente, as evidências de pesquisa indicam também que é possível acelerar a aprendizagem da linguagem.

Embora seja a criança quem deve criar os padrões abstratos a partir dos dados da linguagem, podemos facilitar essa aprendizagem: apresentando exemplos de linguagem que estão de acordo com os recursos perceptivos, sociais e cognitivos da criança; e escolhendo objetivos de aprendizagem que se harmonizam com o curso normal do desenvolvimento.

Com que idade uma criança deve falar todos os sons corretamente?

Uma criança finaliza a aquisição dos sons (para o Português-Brasileiro) por volta dos 5 / 6 anos. Existem sons mais simples, mais fáceis e outros mais complexos e por isso, são aprendidos mais tardiamente.

Em geral, a aquisição dos sons ocorre da seguinte forma:

2 anos: M; P; T e D (nessa idade o vocabulário da criança é de aproximadamente 200 palavras

- **2 anos e 6 meses:** K, G, N, F, V, S, e NH

A partir de 3 anos: Z; R forte ("Carro") R fraco ("aRaRa"); L ("Lua, Leite"); "lha" ("paLHAço")

4 anos e 6 meses: "cha" ("Chave") "ja" ("Janela")

Entre 5 e 6 anos: Encontros consonantais ("PRato"; "FLôr"; "CLasse"; "CRavo", etc) e consoantes "intercaladas" (por exemplo, poRco; paSta; eScola; amoR).

Sinais de alterações

Crianças com atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem podem precisar de ajuda. Demorar para falar ou falar com dificuldade pode significar que a criança tenha algum distúrbio ou transtorno neste processo.

A seguir, descreverei alguns sinais que podem ajudar os pais a identificarem ou a suspeitarem de uma dificuldade. Os professores também podem ajudar a identificar possíveis dificuldades, afinal uma criança passa muito tempo na escola.

Crianças pequenas (até 3 anos de idade):

1. Atraso no aparecimento das primeiras palavras (já completou 1 ano e ainda não fala “papá” e “mamã”);
2. Crianças com 18 meses (1 ano e meio) e que ainda não falam ou que apenas usam gestos de apontar;
3. Crianças com 2 anos e que falam pouco (apenas algumas sílabas ou palavras isoladas) e que ainda não combinam palavras. Crianças com 2 anos e meio e que ainda não falam pequenas frases (*"mamã dá eiti"* (mamãe dá leite!)), por exemplo.
4. Crianças que compreendem tudo, mas que não falam;
5. Crianças que brincam pouco, interagem pouco, que são agitadas ou muito quietinhas;
6. Crianças que tem dificuldades para imitar ou para repetir o que os pais falam;
7. Crianças desatentas, que não olham ou que são indiferentes às situações;
8. Crianças que não sabem brincar ou não se interessam pelos brinquedos que os pais compram;

Crianças mais velhas (depois dos 4 anos):

1. Crianças com vocabulário pobre. Os pais perguntam os nomes dos objetos e não respondem ou confundem os nomes;
2. Crianças com falam errado, que até os pais, não conseguem compreender tudo o que falam;
3. Crianças com dificuldade de compreensão. Parecem não entender o que foi pedido, não entender uma brincadeira ou um jogo;
4. Crianças com dificuldade para aprender novas palavras;
5. Dificuldade para produzir frases: apresentam fala “truncada”, desorganizada. Frases gramaticalmente incorretas, com dificuldade para conjugação dos verbos, uso dos pronomes;
6. Crianças que não conseguem contar fatos (não conseguem relatar o que fizeram na escola, por exemplo);

7. Crianças com dificuldade para contar histórias. Os pais leem histórias, mas a criança não consegue recontar.
8. Crianças que não conseguem manter uma conversa. Que não fazem perguntas ou que respondem o que foi perguntado de forma incorreta. Os pais perguntam uma coisa e a criança responde outra. São descontextualizados (mudam de assunto, falam de forma “esquisita”);
9. Crianças que não entendem piadas, linguagem figurada, com compreensão literal;
10. Crianças que apresentam dificuldade para aprender o que é ensinado;
11. Crianças com alterações na fluência da fala: repetição de sílabas, de palavras, com tiques associados);
12. Criança que entrou na escola e após 3 meses não apresentou evolução no desenvolvimento da fala;
13. Pobre interação social (crianças mais arredias, com dificuldade de socialização, que preferem brincar sozinhas);
14. Crianças com comportamento infantilizado;
15. Brincadeira pobre, desorganizada e que não consegue brincar de faz-de-conta;
16. Crianças com dificuldade de coordenação motora, com dificuldade para segurar e manusear os objetos.
17. Crianças com dificuldade para mastigar e deglutir.

Outros fatores importantes e que também devem ser considerados:

- Se há problemas semelhantes na família (pessoas que têm problemas de fala e linguagem ou algum tipo de deficiência);
- Histórico de prematuridade/baixo peso. Crianças que ficaram em UTI Neonatal.
- Ambiente familiar bilíngue, mas com atitudes desfavoráveis ao desenvolvimento da fala;
- Pais com perfil superprotetor (“que falam pela criança”); Pais ansiosos;
- Ambiente familiar com privação de estímulos (por exemplo, pais trabalham e a criança passa o dia com a babá que pode não estimular a

fala e a linguagem de uma forma adequada). Muitas babás são boas cuidadoras, porém pouco estimuladoras.

Os transtornos que interferem na comunicação do indivíduo, podem estar relacionados à fala, à linguagem, à audição ou à voz. Crianças que apresentam um atraso no desenvolvimento da fala e/ou da linguagem, ou que falam errado, não apresentam os mesmos problemas e os motivos do atraso também podem ser diferentes. A gravidade das alterações também varia (existem atrasos que são mais leves e outros que são graves e que podem, inclusive, afetar a aprendizagem, o rendimento acadêmico e até persistir na idade adulta).

Na área da fala e da linguagem, identificar e diferenciar estas alterações é o primeiro passo para o diagnóstico correto e para o planejamento adequado das condutas terapêuticas. É necessário planejar e elaborar um programa de intervenção para cada caso e para cada família.

CONCLUSÃO

Partindo-se do pressuposto de que a principal ferramenta para o ser humano interagir com o mundo e formar vínculos é a linguagem, conclui-se que dificuldades nos campos social e intelectual podem emergir caso exista algum problema no processo de desenvolvimento da linguagem do indivíduo. Tais dificuldades são identificadas por baixo rendimento acadêmico, isolamento social ou retardo no desenvolvimento cognitivo, que por sua vez, acabam sendo responsáveis por prejuízos no desenvolvimento psicológico da criança, podendo gerar transtornos de conduta ou emocionais significativos. Dessa forma, vários casos de Transtornos de Linguagem são assistidos tanto pelo fonoaudiólogo quanto pelo psicólogo e/ou outros profissionais.

As etiologias das alterações da linguagem e da fala podem envolver aspectos genéticos, degenerativos, lesionais, ambientais e/ou emocionais. Alguns autores classificam os transtornos com base em dois tipos de fatores que podem alterar e incidir desfavoravelmente na evolução da comunicação e da linguagem: fatores orgânicos, sejam eles genéticos, neurológicos ou anatômicos e fatores emocionais. Entretanto, outros autores consideram que a diferenciação entre os transtornos de etiologia orgânica e psicológica pode resultar mais útil no adulto, embora ambos os tipos de fatores devam ser considerados de forma integrada. Na criança essa diferenciação está ultrapassada, já que o efeito de qualquer fator orgânico ou psicológico tem repercussões sobre o conjunto de processos de ordem psicológica que constituem a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRMARD, PAULE. **O surgimento da linguagem na criança**. Porto Alegre, Artmed, 1998. Chevrie-Muller, C., Narbona, J. A Linguagem da criança: aspectos normais e patológicos. Porto Alegre, Artmed, 2005.

ARDOUIN, J., BUSTOS, C., GAYÓ, R., JARPA, M. **Transtornos del lenguaje en la infancia**, 2000.

SCHEUER, C.; Befi-Lopes, D.M, Wertzner. **Desenvolvimento da Linguagem: uma introdução**.